

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

98

INSCRIÇÕES 442-445



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2012

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRI-GA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, todos os volumes estão também disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



INSCRIÇÕES ROMANAS NO PAÇO DA EGA
(CONDEIXA-A-NOVA)
(*Conimbriga – Conventus Scallabitanus*)

Reaproveitados numa janela do chamado ‘Paço da Ega’ que incorporou o antigo castelo templário, foram encontrados, nos finais de 1985, três fragmentos de inscrições funerárias romanas. Ega é freguesia do concelho de Condeixa-a-Nova.

Partiu-se, por conseguinte, do princípio de que teriam provindo da vizinha cidade de *Conimbriga*. A primeira preocupação foi, pois, tentar identificá-los com algumas das epígrafes de que havia conhecimento e dadas como perdidas; por outro lado, cotejámos, também sem resultado, os textos com os de fragmentos publicados,¹ na esperança de que algum os pudesse completar.

¹ ÉTIENNE (ROBERT), FABRE (GEORGES) E LÊVÊQUE (PIERRE ET MONIQUE), *Fouilles de Conimbriga*, vol. II: *Épigraphie et Sculpture* (= *Fouilles II*], Paris, 1976.

Fragmento de placa funerária romana, de calcário local, reaproveitada como avental de janela. O reaproveitamento implicou a colocação de um banco de pedra de través, que destruiu parte do texto. As dimensões infra indicadas corresponderão, com apenas ligeira diferença, à face original e ao campo epigráfico.

Dimensões: 145 x 52,5 x 23.

Campo epigráfico: 145 x 52,5.

AVITO (*hedera*) CA[E]NO/NIS (*hedera*) F(ilio) (*hedera*)
SV[N]VA / TANGIN[I (*hedera*) F(ilia)] / MATER / ⁵ (*hedera*)
F(aciendum) (*hedera*) [C(uravit) (*hedera*)]

A Avito, filho de Cenão, Súnua, filha de Tangino, a mãe, mandou fazer.

Altura das letras: 6,5. Espaços: 1: (5,5); 2 a 5: 3; 6: (2,5).

Mau grado o desgaste provocado pela reutilização, reconstitui-se sem dificuldade a totalidade do texto: na l. 1, temos o arranque do A, a 2ª haste do N e a quase totalidade do O; na l. 2, metade do 1º V, a metade direita do 2º e do A só o trecho final desapareceu; na l. 3, a primeira perna do N, havendo espaço para o I e para o F; na l. 4, o R está perceptível; na l. 5, a reconstituição proposta não oferece dúvidas, decerto.

Paginação extremamente cuidada, com recurso a linhas de pauta singelas ainda visíveis – que emprestam, aliás, ao conjunto enorme graciosidade, corroborada pelas *hederae* de raro pecíolo ínfero e limbo cordiforme alongado. Obedeceu-se a um alinhamento à esquerda, que, na última linha, postulou o recurso a uma *hedera* inicial, a fazer supor que também no final outra se teria gravado também.

Caracteres actuários, geometricamente desenhados, de *ductus* vertical (inclusive no S, em que apenas se vislumbra mui leve inclinação para a frente), terminados com requinte nos vértices em forma de minúsculos triângulos. Gravação com badame, em bisel. Note-se o G, que se distinguiu do C pela adição de um discreto traço curvo ao vértice inferior, dando uma forma

não registada por Battle.²

Do ponto de vista da onomástica, documenta-se claramente o início do contacto entre os antropónimos de etimologia lusitana, diríamos, atendendo à distribuição que deles se conhece,³ e a adopção, para o filho, de um nome latino cujo significado cedo foi bem assimilado pelos indígenas: *Avitus*, «o mais velho».⁴

Para além de se tratar de um monumento esbelto, a documentar o uso da onomástica pré-romana, a epígrafe – de teor simultaneamente funerário e honorífico, frise-se bem – patenteia uma atitude comum na epigrafia conimbricense: o visível papel da mulher no seio da família, como se tem salientado.⁵

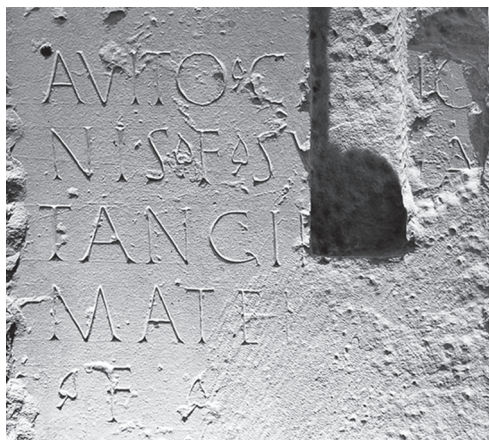
Pela paleografia, pelo modo de identificação das personagens e pela simplicidade textual, é documento datável da primeira metade do século I da nossa era.

² BATTLE HUGUET (Pedro), *Epigrafia Latina*, Barcelona, 1946, p. 12, fig. 9.

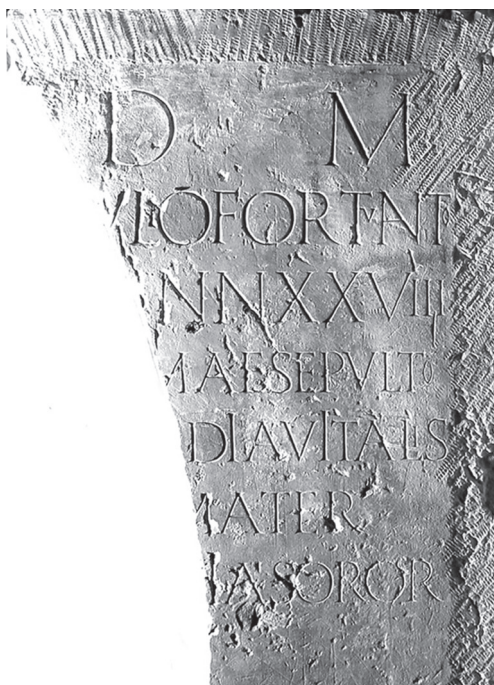
³ Vide NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luís) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003: para *Caeno*, p. 125-126 e mapa 65 e, também, ENCARNÇÃO (José d'), «Os epitáfios como expressão literária», *Liburna* 4 (Novembro 2011) [Homenagem a Jaime Siles], p. 145-146 [acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/18059>]; para *Su-nua*, p. 308, mapa 283; para *Tanginus*, p. 313-316, mapa 289.

⁴ É, seguramente, um dos nomes mais comuns na Lusitânia: veja-se o mapa 51 (p. 108) do *Atlas* referido. No conjunto da *Hispania*, Juan Manuel Abascal indica-o em 3º lugar, entre os nomes pessoais mais frequentes, com 197 testemunhos (*Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 31).

⁵ ENCARNÇÃO (José d'), «Mães e filhos passeando por entre epígrafes», in Mª Carmen SEVILLANO SAN JOSÉ *et alii* (edits.), *El Conocimiento del Pasado. Una Herramienta para la Igualdad*, Salamanca, 2005, 101-113 [acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/11518>].



442



443

Fragmento de placa funerária romana, de calcário local, reaproveitada como pardieira de uma janela. O reaproveitamento implicou um recorte em arco de círculo, correspondente à luz superior da janela, que destruiu a parte inicial da maioria das linhas do texto.

As dimensões 149 x 56 cm correspondem muito aproximadamente à face original da peça, que mostra uma moldura a toda a volta (picada no reaproveitamento), com cerca de 8 cm de largo. O campo epigráfico assim marcado mediria 81 x 43 cm.

D(iis) M(anibus) / [I]VLIO FORTVNATO / [A]NN(orum)
XXVIII (duodetriginta) / [RO]MAE SEPVLTO / ⁵ [CLAV]DIA
VITALIS / MATER / [IVL]IA SOROR

Aos deuses Manes. A Júlio Fortunato, de 28 anos, sepultado em Roma – Cláudia Vital, a mãe; Júlia, a irmã.

Altura das letras: l. 1: 8; l. 2: 5,5 (I=2,5; V=1,5; O=2); l. 3: 5,5 (III=4); l. 4: 4,2 (O=2,5); l. 5: 4,2 (I=5,3; I=2,1); l. 6: 4,5; l. 7: 4,5 (I=5,5). Espaços: 1 e 2: 2,8; 3 a 7: 3; 8: (9,5).

Paginação muito cuidada, regular, verosimilmente segundo um eixo de simetria, sem pontuação (veja-se a cuidada colocação da dedicatória aos Manes, na l. 1). Linhas auxiliares imperceptíveis à vista, mas perfeitamente perceptíveis no resultado obtido. Recurso inteligente e frequente – para economia de espaço e em obediência à lógica textual – às pequenas (por vezes, minúsculas) letras e também ao I mais alto.

Caracteres actuários, geometricamente desenhados a rigor, gravados com badame, em bisel, terminados nos vértices com requinte. R feito a partir do P, O perfeitamente circular.

Onomástica latina habitual na Lusitânia, tanto a nível dos *nomina* (Iulii, Claudii) como dos *cognomina*.¹

¹ Cf. *Atlas* atrás citado: *Iulius* (p. 197-204, mapa 158), *Claudius* (p. 145-146, mapa 93). *Fortunatus* é menos frequente: 13 exemplos (*ibidem*, p. 178,

Romae sepulto é expressão de que temos outro exemplo em *Conimbriga*: *P. Lucanius Reburinus*, de 37 anos, também sepultado em Roma, é recordado por sua mãe *Publia Procula* (*Fouilles* II nº 34). Aliás, também *Fouilles* II nº 33 refere o filho de *Coelia Romula*, de 32 anos, que faleceu no caminho para Roma e aí foi sepultado: «in itinere urbis defuncto et sepulto». São, pois, três testemunhos muito significativos, a demonstrar o relacionamento estreito entre as duas cidades, a que Silvío Panciera teve também oportunidade de aludir por ter identificado em Roma a epígrafe de um conimbricense.²

A dúvida que os autores de *Fouilles* II tinham em relação à ausência de fórmula final na epígrafe nº 34 fica resolvida com este achado, porque também aqui não existe.

De salientar de novo o papel da mulher, pois é a mãe e a irmã que prestam a homenagem, pretexto evidente para mostrarem a aliança entre os *Iulii* e os *Claudii*, importantes também eles na sociedade conimbricense.

Pela paleografia e pela simplicidade textual, é documento datável da 1ª metade do século I da nossa era.

mapa 135), dos quais 2 em *Conimbriga*. Dos 22 testemunhos de *Vitalis* na Lusitânia (*ibidem*, p. 344, mapa 332), anote-se que 5 se localizaram na *civitas Igaeditanorum* e 5 em *Emerita Augusta*, o que denuncia um *cognomen* de preferente recorte urbano e aqui usado logo no início do Império.

² PANCIERA (Silvío), «*Domus a Roma. Altri contributi alla loro inventariazione*», en ANGELI BERTINELLI (Maria Gabriella) e DONATI (Angela) [ed.], *Usi e abusi epigrafici*. Atti del Colloquio Internazionale di Epigrafia Latina (Genova 20-22 settembre 2001), Roma, 2003, 355-374. Trata-se de um legado, *Silo Andronici (filius)*, ligado à *civitas Conimbrigens[ium?]* (p. 370-371): cf. ENCARNÇÃO (José d'), «Lusitani nell'Italia romana», in SARTORI (António) e VALVO (Alfredo) [coord.], *Hiberia – Italia / Italia – Hiberia* (Actas do Convegno Internazionale di Epigrafia e Storia Antica – Gargnano-Brescia – 28-30 aprile 2005), Milano, 2006, 48-49. No âmbito da epigrafia romana peninsular, a darmos crédito ao repertório de *Hispania Epigraphica on line*, o registo nº 6733, de Cuenca (Castilla-La Mancha), referido em AE 1982, 600, assinala que *Iullia Auctilla*, de 40 anos, foi *sep(ulta) Rom(ae)*.

Fragmento de epígrafe romana, de calcário local, reaproveitada como pardieira de uma porta interior. O reaproveitamento deve ter dividido o bloco original em várias fatias, de que se conserva apenas esta, que contém a parte inicial das linhas do texto. Pela espessura conservada, pela (verosímil) presença original de moldura (um meio-redondo côncavo) e pela invulgar extensão do texto, a epígrafe poderá certamente inserir-se no âmbito dos cipos simultaneamente funerários e honoríficos, ainda que encostado ou mesmo embutido num elemento arquitectónico.

Dimensões: 124 x (21) x 41.

Campo epigráfico: 122 x (13).



D(iis) [M(anibus)]

M(arco) L(ucanio vel Lucceio?) [FLA]

VINO [...]

REN [...] [OM]

⁵ NIBV[S HONO]

RIBV[S MVN(icipi?) ?]

CO[NIMBRI?]

GEN[SI vel SIS vel S(ibus)?] [HO?]

NORI[BVS]

¹⁰ PERFV[NCTO]

M(arcus) · V(alerius?) [...]

AMIC[O] [OP]

TIME [sic] [...?]

F(aciendum) [C(uravit)]

¹⁵ H(ic) · S(itus) [E(st)] [S(it) T(ibi)]

T(erra) L(evis) [?]

Tradução: Atendendo às dificuldades de interpretação, não arriscamos uma tradução, remetendo para os comentários que se fazem a seguir, susceptíveis de contribuir para enquadrar as informações que o texto vem facultar.

Altura das letras: 4,5/4,0 (O da l. 9 = 2,5; E da l. 10 = 2; H da l. 15 = 5,5).

Espaços: 0,7/1 (não foi medido o espaço final).

Atendendo à extensão do texto e à posição do D inicial, o *ordinator* terá tentado um alinhamento segundo um eixo de simetria, porquanto também não há rigoroso alinhamento à esquerda, conseguido apenas da linha 2 à 6. A pontuação, triangular, só se observa nas linhas 11 e 15.

Caracteres actuários, gravados com badame, em bisel. Notem-se: a assimetria do traçado dos NN; R feito a partir do P e de perna ondulada; barras do E, do A, do F, do T e do H não horizontais, a denotar um *ductus* que segue o fluir do gesto, sem recurso a régua; esse carácter não-geométrico da gravação acentua-se, por exemplo, no H, inclinado para diante e cuja haste da esquerda é rasgada de cima para baixo num gesto levemente encurvado; também o F, o G (a terminar inferiormente em curva para dentro) e o nexu ME denunciam essa tendência para a cursividade, assim como a forma como os vértices das letras se apresentam (veja-se como, no M, as pernas da direita se prolongam para além do vértice...). Paleograficamente – e embora sabendo quanto é falível esse argumento, na ausência de outros dados – é monumeto que dataríamos da 1ª metade do século II.

O que resta da epígrafe lê-se bem; contudo, para se sugerir uma outra interpretação e, ainda, para se justificar a hipótese de reconstituição que já ousámos propor, o primeiro problema a encarar é, sem dúvida, o da largura do campo epigráfico completo. Há, porém, indícios passíveis de fornecer algumas pistas, se não inteiramente válidas, pelo menos verosímeis. Assim, na l. 1, a fórmula habitual – patente, por exemplo, na inscrição de *Fortunatus* atrás estudada – será D M; ora, considerando, como nesse caso, a possibilidade de uma paginação segundo um eixo de simetria, o que nos resta é menos do que metade da linha, ou seja, pode prever-se a existência de mais quatro ou, até, cinco letras

em cada, consoante a sua grafia. A proposta de reconstituição que apresentamos radica, pois, nesse pressuposto – frágil, portanto, até porque o recurso a nexos ou a pequenas letras está aqui documentado e desconhecemos as opções (inclusive de siglas e de abreviaturas) que o *ordinator* seguiu.

Em quatro observações prévias nos baseámos:

1ª) Na última linha, a colocação das siglas fez-nos suspeitar de que, após o E em falta, se haja gravado o voto S · T · T · L (com eventual nexu TL).

2ª) Na penúltima linha, o F surge isolado, o que dá a entender que fará parte da fórmula F(*aciendum*) C(*uravit*), de que o C estaria sensivelmente equidistante da moldura do lado direito.

3ª) Nas linhas 2 e 11, afigura-se-nos plausível estar a identificação do homenageado e a do dedicante; só que as duas siglas estão bastante afastadas e, inclusive, na l. 11, são nítidos os pontos após o M e o V; ou seja, ao interpretarmos M como o vulgar *praenomen Marcus*, não só estamos a pensar que se trata de duas personagens masculinas como também que foram gravados em sigla os respectivos gentílios – decerto por demasiado conhecidos na comunidade (e é mais uma razão para datarmos a epígrafe do século II). A objecção principal será, porém, a de que está muito claro o nexu ME na l. 13, a apontar para um dativo feminino: AMIC[AE] [OP]/TIME, em vez de AMIC[O] [OP]/TIMO. Em todo o caso, estas duas linhas, a serem reconstituíveis como se propõe, dão-nos uma possibilidade de chave para resolução da questão em aberto, a confirmar que serão 4 ou 5 as letras em falta em cada linha.

4ª) Na l. 10, PERFV lê-se bem: o E mais pequeno e o arranque do V também provavelmente menos alto; ora, essa palavra sugere, de imediato, a reconstituição *perfuncto*, adjectivo que detém um lugar específico em epígrafes honoríficas ou, como é o caso, em epígrafes simultaneamente honoríficas e funerárias: *in rempublicam omnibus honoribus perfuncto*. Sirvanos de exemplo a epígrafe CIL II 4522, de Barcelona (registo nº 10 192 de *Hispania Epigraphica on line*), onde se leu o seguinte: G(aio) Iul(io) G(ai) f(ilio) Gal(eria) / Paulino / Barc(inonensi) / omnib(us) honorib(us) / in re p(ublica) sua per/functo / marito optimo / (...). É também uma epígrafe honorífica, mas, por ter

sido mandada lavrar pela esposa, assume clara característica funerária, como aqui.

Este exemplo de Barcelona pode eficazmente ajudar-nos a tecer outras considerações capazes de trazer alguma luz sobre a porção de texto em falta.

Também aqui o gentílico não vem grafado por extenso, mas abreviado; no nosso caso, temo-los em sigla e as propostas apresentadas – *Lucanius* ou *Lucceius* e *Valerius* – outra justificação não têm senão a de serem famílias atestadas em *Conimbriga*.³ Também nos baseámos na ocorrência do *cognomen* *Flavinus* na epigrafia da cidade para aqui o propormos sem hesitação, até porque, sendo *Conimbriga* a *Flavia Conimbriga* (*Fouilles* II n° 10), é natural que a muitos dos seus naturais haja sido atribuído esse cognome.

REN – a observação atenta da pedra não nos permite optar por REM – lembra-nos de imediato *res publica*, o que, atendendo ao que se lê de seguida, nos leva a propor que Flavino *in rem publicam omnibus honoribus perfunctus (est)*: exerceu todos os cargos na cidade. O habitual seria escrevermos «na sua cidade»; aqui há, todavia, duas linhas que parecem fazer essa formulação sair do normal: CO e GEN (ll. 7 e 8) incitam-nos à reconstituição do adjectivo toponímico *Conimbrigensis*. E, por conseguinte, temos duas opções: ou se indica a *origo* do homenageado – *Conimbrigensi* –, como no exemplo de Barcelona, menção que é habitual neste tipo de epígrafes, ou se especifica que se trata das honras referentes à própria cidade, eventualmente identificada como *municipium*; esta segunda possibilidade, mais fora do comum, acabaria, porém, por justificar a repetição (em princípio, escusada) da palavra *honoribus* (das linhas 8 e 9), cuja reconstituição se nos afigura plausível, designadamente por anteceder de imediato o participio *perfuncto*.

Temos consciência, enfim, de que as dúvidas são maiores do que as certezas. Em todo o caso, permita-se-nos que salientemos ainda dois aspectos:

1º) Mais uma vez, atendendo ao contexto, a amizade é invocada não apenas no aspecto sentimental e familiar (digamos

³ Veja-se o apêndice II de *Fouilles* II (p. 99): «Tableau des relations entre grandes familles à Conimbriga».

assim) mas também, obviamente, com uma ampla conotação político-social, como Serrano Delgado sublinhou,⁴ e – porque não? – económica também, como Verboven teve ensejo de analisar.⁵ Neste caso, a homenagem feita por um elemento da *gens Valeria* (?) reforça seguramente os laços já existentes com a *gens Lucania* ou a *Luceia* (?), de que um dos membros exercera todos os cargos disponíveis na cidade.

2º) Esse exercício de funções reforça o estatuto municipal de *Conimbriga*; não havia, naturalmente, grandes dúvidas acerca desse estatuto; é, contudo, notória a ausência de epígrafes que o documentem – e este constituirá um dos testemunhos que doravante deverá ser invocado nesse contexto⁶.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA

⁴ SERRANO DELGADO (José Miguel), «La aparición de listas de *amici* en las inscripciones latinas», in RODRÍGUEZ NEILA (Juan Francisco) [coord.], *Actas del I Coloquio de Historia Antigua de Andalucía – Córdoba 1988*, tomo II, Córdoba, 1993, 33-40 [com mais bibliografia sobre o tema].

⁵ VERBOVEN (K.), *The Economy of Friends. Economic Aspects of Amicitia and Patronage in the Late Republic*, Bruxelas, 2002. Baseia-se, de modo especial, sobre os dados fornecidos pelas fontes literárias.

⁶ A identificação destes monumentos ocorreu numa altura em que, no âmbito da prospecção solicitada pelo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, a Dra. Maria Conceição Lopes esteve no local, em Junho de 1991, e elaborou sobre eles um primeiro relatório. Pensou-se de imediato na sua publicação, mas circunstâncias várias foram determinando o seu sucessivo adiamento, até porque se desejava saber que parte das epígrafes estaria dentro da parede. Entretanto, para além de alguns estudantes do Instituto de Arqueologia de Coimbra que, em trabalhos de índole escolar, se foram referindo às epígrafes, também o Dr. António João Nunes Monteiro se interessou por estas peças, no âmbito da dissertação de doutoramento que estava a preparar, fotografando-as e medindo-as. Em Abril de 1991, o Dr. Mário Jorge Barroca, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, igualmente esteve no local, para confirmar se se tratava mesmo de textos romanos (e não medievais), e gentilmente me

forneceu indicações precisas acerca do local onde as peças se encontravam bem como as dimensões e a sua leitura. A todos agradeço as achegas que, em variados momentos, tiveram a amabilidade de me facultar e, de modo particular, ao Dr. José Beleza Moreira, que, na sua qualidade de Director do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro do Instituto Português do Património Cultural, me deu autorização para publicar estes textos, cuja prioridade científica pertencia, de facto, ao serviço que dirigia. Tendo também eu ido ao «paço», cheguei mesmo a elaborar uma primeira redacção destinada ao Fichero Epigráfico, mas acabaram por fazer-se diligências no sentido de as peças serem retiradas do local, a fim de melhor se estudarem e, de novo, se optou por esperar essa oportunidade, até porque com essa intenção se mantiveram contactos estreitos com os proprietários do imóvel. De 2007 a 2009, devido às obras de recuperação que, finalmente, foram licenciadas, houve acompanhamento arqueológico por Ana Lima Revez, supervisionada pela Dra. Helena Frade, por parte da Direcção Regional de Cultura do Centro, e pelo Dr. António João Nunes Monteiro, do Instituto Português de Arqueologia: veja-se, de Ana Lima Revez, «Trabalhos arqueológicos no projecto de recuperação do Paço da Ega (2007-2009)», *Arqueologia Medieval* 12 2012 41-58. Houve, assim, possibilidade, com a anuência dos proprietários (com quem, aliás, tive igualmente ocasião de trocar impressões amiudadas vezes e aproveita-se o ensejo para agradecer ao actual proprietário, Prof. Doutor Francisco Corte Real, todas as facilidades concedidas para este estudo), de se retirarem as epígrafes, fotografá-las na totalidade existente, medi-las e repô-las em condições de serem observadas. Sabe-se, por documentos, que no paço foram levadas a cabo obras no início do século XVI, entre 1508 e 1509, atribuídas a Marcos Pires. A análise dos aparelhos construtivos e a identificação das epígrafes romanas reaproveitadas nesses paramentos reabilitados em época moderna permite-nos inferir da utilização de pedras provenientes de Conimbriga, de S. Fipo ou das imediações.

Por outro lado, embora, à primeira vista, a posição do outeiro em que o paço e a própria povoação assentam possa sugerir a hipótese de ter servido, em tempos romanos, como um primeiro posto avançado no que concerne à vigilância e segurança da cidade na direcção do mar, Ana Revez assinala que «não há quaisquer evidências de ocupação romana no local», estando provado que o antigo castelo doado aos Templários em 1128 é de «fundação islâmica». Ana Revez teve ainda a gentileza de nos dar a conhecer um outro fragmento de inscrição, cujo estudo se encara para muito em breve.

Por conseguinte, o facto de este estudo vir assinado por mim e por Virgílio Hipólito Correia deve-se tão-somente a esses circunstancialismos e ao facto de parte do estudo físico do monumento ter sido efectuada por ele, assim como as fotos serem de Humberto Rendeiro, ao serviço do Museu Monográfico de Conimbriga. Ainda que não estejam resolvidas todas as questões que tão singulares monumentos (nomeadamente o nº 444) despertam, pensamos que não se deve esperar mais tempo para os dar a conhecer, na presunção, inclusive, de que devem ser considerados integrantes do acervo epigráfico de Conimbriga.— J. d'E.

ÁRULA ANEPÍGRAFA

Árula romana ora anepígrafa, que terá sido encontrada, nos princípios dos anos 50 do século passado, numa herdade ao pé da vila de Odivelas, concelho de Ferreira do Alentejo (*Conventus Pacensis*). Pertence à filha de João Monjardino, que a conserva em sua casa; agradeço a ambos o convite para a estudar.

De mármore esverdeado, de Viana do Alentejo, com alguma pátina, sofreu, com o tempo, as naturais escoriações. O capitel, algo desgastado, com fastígio triangular breve a meio, ostenta dois toros lisos (ambos parcialmente danificados), conjunto que uma ranhura separa, nas quatro faces, da molduração superior do fuste, constituída por uma faixa saliente seguida de gola encurtada. O fuste, alisado nas quatro faces, assenta numa base moldurada, de garganta reversa e faixa saliente, que uma ranhura divide do plinto inferior.

Dimensões: 36,5 x 20,2/18/21 x 11,8/9,3/12.

Trata-se de monumento preparado para receber a inscrição (votiva ou funerária), pois que são visíveis, na face dianteira, duas presumíveis linhas de pauta. Poderia também ter recebido uma inscrição pintada, ora desaparecida.

Não havendo texto, torna-se difícil propor uma datação plausível; contudo, a tipologia não a afasta de monumentos semelhantes datáveis do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



445